

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

SILAS MIQUÉIAS DA SILVA BOLDO

**“NÃO É POSSÍVEL QUE ISSO ESTÁ ACONTECENDO COMIGO”:  
FISICULTURISMO, MASCULINIDADES E A PANDEMIA DA COVID-19.**

CAMPO GRANDE (MS)  
2023

SILAS MIQUÉIAS DA SILVA BOLDO

**“NÃO É POSSÍVEL QUE ISSO ESTÁ ACONTECENDO COMIGO”:  
FISICULTURISMO, MASCULINIDADES E A PANDEMIA DA COVID-19.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada(o), como exigência do curso de graduação em Ciências Sociais (Bacharelado) apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do(a) Prof. Dr. Tiago Duque.

Campo Grande (MS)  
2023

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso investiga o currículo e a pedagogia cultural em vídeos no YouTube de homens fisiculturistas que experimentaram a Covid-19 no Brasil. A pesquisa, de abordagem qualitativa e perspectiva pós-crítica, utiliza a etnografia online para obter os dados no recorte do videocast analisado. Os resultados apontam que o contexto produtivo do fisiculturismo marca a performance de masculinidade desses homens durante o período pandêmico, escrevendo e significando esses corpos de maneira combativa. O currículo cultural transmitido também ensina práticas de enfrentamento e superação da doença, enfatizando a centralidade do corpo masculino. Além disso, as medidas restritivas são assumidas não como práticas de cuidado, mas como medidas para a produção dessas masculinidades e amplificação do risco enfrentado. A cumplicidade e hombridade entre os homens também são valorizadas, assumindo papel significativo na superação e enfrentamento da doença. Valores como controle e comedimento de emoções também são ensinados. O SUS e a vacina ressoam neste currículo, assumindo significados de valorização distintos do que é ensinado no vídeo. As interações entre quem produz o conteúdo e quem comenta produzem esse currículo cultural analisado e assumem também pedagogias distintas, ao mesmo tempo reforçam relações de poder que são produtos e produtoras do artefato cultural analisado.

**Palavras-chave:** Currículo; Pedagogia Cultural; Fisiculturismo; Masculinidades; Covid-19

## **ABSTRACT**

This paper investigates the curricular and cultural pedagogy in YouTube videos of Brazilian bodybuilders who experienced COVID-19. The research, using a qualitative approach and a post-critical perspective, uses online ethnography to analyze a videocast. The results indicate that the bodybuilding context marks the performance of masculinity of these men during the pandemic, writing and signifying these bodies in a combative way. The cultural curriculum also teaches coping and overcoming practices of the disease, emphasizing the centrality. In addition, restrictive measures are not assumed as care practices, but as measures for the production of these masculinities and amplification of the risk faced. The complicity and bravery between men are also valued, assuming a significant role in overcoming and coping with the disease. Values such as control and emotional restraint are also taught. SUS and the vaccine also resonate in this curriculum, assuming different meanings of valuation than what is taught in the video. The interactions between the content producer and the commentator produce the analyzed cultural curriculum and also assume different pedagogies, at the same time reinforcing and teaching the consolidated effects in the analyzed cultural artifact.

**Keywords:** Curriculum; Cultural pedagogy; Bodybuilding; Masculinities; COVID-19.

## SUMÁRIO

Corpos Hiperbólicos	6
“Eu Não Posso Passar Para Ela”.	10
Tigre, Titã, Guerreiro e Monstro.	16
Ressignificações à Devir: Provocações Finais	23
Referência	25

## Corpos Hiperbólicos

“Como explicar o que me acontece? O que fazer com meu desejo de transformação? (...) Não me resta alternativa além de rever meus clássicos, submeter as teorias ao sobressalto provocado pela prática de tomar testosterona. Aceitar que a mudança que acontece em mim é a mutação de uma época”.

(Preciado, 2001, p. 23).

O escopo desta pesquisa concentrou-se na análise do currículo cultural não-escolar presente em vídeos protagonizados por homens fisiculturistas que experimentaram a contração do vírus, desenvolveram doenças causadas pela Covid-19 ou estiveram em proximidade com indivíduos afetados. O objetivo foi investigar como esses corpos e identidades, produzidos por práticas como dietas, musculação e consumo de substâncias sintéticas, influenciaram a construção de suas masculinidades frente às restrições, tragédias, perspectivas e à adesão à vacinação durante esse período tão desafiador. Para atingir o propósito, além da perambulação digital, optou-se pela realização de uma etnografia *online*, concentrando-se em um recorte específico de um *videocast* no YouTube, considerado um artefato cultural significativo para analisar a produção de diferenças — diferenças que, nem sempre, resultam em desigualdades (Brah, 2006). Outros vídeos, embora não integrantes da etnografia, contribuem para a compreensão do campo, oferecendo suporte às análises.

Ao discutir currículo e pedagogia cultural, não me refiro aos conhecimentos e práticas de ensino que são executadas no ambiente escolar, embora seja válido mencionar a presença de currículos não-escolares e práticas de pedagogia cultural nesses espaços (Maknamara, 2020). Quando menciono esses termos, estou considerando outros espaços de aprendizado, nos quais aprendemos práticas de ser, conviver e agir no mundo, podendo ser ambientes virtuais ou presenciais. Apesar das diferenças, o currículo cultural que ocorre fora da escola também é intencional, buscando moldar um tipo específico de sujeito com características distintas. Durante sua produção, há um esforço contínuo para estabelecer significados definitivos e determinar a melhor forma de ensinar e transmitir conteúdo. No entanto, esses esforços nem sempre resultam conforme o planejado, devido à capacidade dos sujeitos de interpretar e sentir de maneiras diversas o que está sendo ensinado e aprendido. Isso gera um debate constante sobre o que deve ser ensinado, como, e por quem. O currículo, portanto, nunca está acabado de forma definitiva; nas relações sociais, ele se transforma, se produz e se

refaz constantemente (Silva, 2013). A pedagogia cultural, por sua vez, vai além das estruturas convencionais das salas de aula, incorporando métodos diversos de ensino e atribuindo a indivíduos distintos papéis de educadores. Essa interligação entre currículo e pedagogia culmina na criação de artefatos culturais, construções sociais permeadas por dinâmicas de poder que influenciam na formação das diferenças e identidades culturais. (Sabat, 2001).

Nesse sentido, no âmbito do ensino fora da escola, mediados por um leque diversificado de veículos comunicacionais, que englobam revistas, cinema, jogos, música, televisão e reality shows, desponta o fenômeno reconhecido como "corpolatria". Este momento, cujo destaque foi particularmente marcante nos anos 80, coloca em evidência a concepção do corpo como um investimento crucial na experiência humana, destacando a importância da sua maleabilidade e da busca pela alteração da estética corporal (Estevão, 2009). No cenário, emergem discursos e práticas possivelmente associados aos movimentos Eugenistas e Sanitaristas, com raízes no Brasil do início do século XX, cuja influência foi significativa, impulsionando os avanços nos estudos genéticos e hormonais, e fomentando o desenvolvimento da indústria farmacológica no setor da beleza. Essas narrativas propagam a ideia de que alcançar o corpo desejado está intimamente vinculado ao esforço individual, enfatizando a atratividade e promovendo, sempre que viável, acesso às mais recentes "tecnologias da moda". Contudo, essas promessas, tanto no discurso quanto na prática, geram uma permanente sensação de inquietação e culpa, especialmente em relação a elementos como gordura, flacidez, envelhecimento, magreza ou a pouca musculatura (Idem, p. 14-18).

Nesse movimento, surge a emergência de academias de musculação, a ampliação dos procedimentos estéticos e a diversificação dos produtos e serviços que definem os pilares de uma economia global em ascensão. Essa transformação abrange desde drogas sintéticas, ácidos e cremes até dietas, cuidados com a pele e avanços tecnológicos como celulares, *webcams*, *chats* e cirurgias plásticas, tornando-se essenciais nessa nova ordem econômica. Posteriormente caracterizada como "farmacopornografia" (2008) por Paul Preciado, essa tendência tem suas origens em um cenário pós-escravista, pós-industrial e saturado pela mídia. Ela representa uma forma singular de capitalismo e governança, impulsionada pelos avanços bio-moleculares, técnicos e tecnológicos após os períodos de conflitos mundiais. O termo "farmacopornografia" surge das mudanças na esfera tecno-farmacêutica, da comercialização do desejo e da ampla disponibilidade desses recursos, redesenhando identidades e aspectos corporais, transformando emoções e anseios humanos em mercadorias, frequentemente desvinculadas de regulamentações ou prescrições formais. Assim, introduz-se

a concepção expandida de um "corpo excitável", não apenas como alvo de busca incessante, mas também como a personificação da excitação, explorando sua capacidade inerente de sentir e provocar sensações, adaptando-se às dinâmicas do mercado e às necessidades individuais (Idem, p.44).

É nesta esteira do discurso farmoquímico que se consolida o fisiculturismo, também conhecido como *bodybuilding*, elevando o corpo fisiculturista à condição de potência mercadológica da indústria *fitness* (Sabino, 2002). A prática competitiva, não reconhecida como um tipo de esporte devido à ausência de avaliação do desempenho atlético, mas focada na estética corporal, demanda dos participantes um significativo aumento de massa muscular, simetria corporal e baixo percentual de gordura para realçar os músculos. No universo masculino, a ênfase recai na ativação máxima dessas estruturas. Já no contexto feminino, as confederações incentivam um padrão mais “natural”, valorizando as conhecidas “curvas femininas”. Nas competições masculinas, os participantes destacam seus músculos usando sungas e tintura em categorias como "Fisiculturismo Junior", "Culturismo Clássico" e "Fisiculturismo Sênior". Na categoria "Men's Physique", optam por bermudas em vez de sungas, todas as categorias reproduzem poses muito parecidas com as esculturas gregas. As mulheres adotam abordagem diferente, usando biquínis brilhantes e competindo em categorias como "Bikini Fitness", "Wellness", "Body Fitness" e "Women's Physique". Durante as competições, as músicas são mais comedidas, e algumas categorias requerem desfile no palco, prática ausente nas competições masculinas (Monaco, 2016).

Para atingir o corpo "hiperbólico", caracterizado por extrema musculatura e características físicas intensamente acentuadas, os praticantes de fisiculturismo adotam estratégias alimentares e de treino intensas e cuidadosamente controladas. Durante a fase de "Bulking", em que se consome um excedente calórico direcionado ao ganho de massa muscular, é esperado um aumento nos níveis de gordura corporal. Nesse período, os atletas, ao ingerir mais calorias, canalizam essa energia para treinar ainda mais intensamente, visando promover o crescimento muscular. Na fase de "Cutting" os praticantes buscam “secar” mantendo um consumo calórico inferior às necessidades do corpo, muitas vezes levando a um estado de fraqueza, especialmente nas etapas finais antes das competições. Este período tem como objetivo alcançar um nível reduzido de gordura corporal para evidenciar os músculos. Para otimizar ambos os resultados esperados no "fisiculturismo não natural", os praticantes frequentemente recorrem ao uso de esteroides anabolizantes androgênicos, que são hormônios sintéticos masculinos, incluindo a testosterona, e ao GH (Growth Hormone) — o hormônio

do crescimento. Muitas dessas substâncias estão disponíveis em farmácias e lojas especializadas, algumas sem a necessidade de receita médica, podendo ser adquiridas sem restrições. No caso dos hormônios sintéticos, as doses consumidas pelos fisiculturistas podem chegar a ser até 20 vezes superiores, atingindo, por exemplo, de 200 a 300 mg por dia (MOURA, 1984).

Para aprofundar minha compreensão sobre o tema, foi conduzido inicialmente a perambulação digital, uma abordagem de pesquisa que consiste em deixar-me guiar pelos fluxos de informações em rede, muitas vezes influenciado pelos algoritmos das plataformas (Leitão; Gomes, 2018). Nessa exploração, concentrei minha atenção no TikTok, vídeos do YouTube e nos *shorts* (recortes de um minuto desta última plataforma). Na condução da pesquisa etnográfica online, adoto uma abordagem que mantém a seriedade da tradição etnográfica, ao mesmo tempo em que me adapto às nuances específicas do ambiente virtual (Padilha; Facioli, 2022). Assumo, assim, uma perspectiva teórico-metodológica pós-crítica em educação, deliberadamente evitando restrições impostas por práticas de campo e elaboração textual predefinidas. Meu enfoque está nas demandas do meu trabalho de campo e na apresentação mais adequada das análises produzidas, adotando uma abordagem flexível que reimagina, adapta, cria e descarta conceitos e modos de fazer quando não adequados ou suficientes. Reconheço, com a devida importância, os limites da pesquisa, considerando que a interpretação dos dados é moldada pelo contexto social, pela temporalidade e pelas complexas relações de poder envolvidas. Assim, se outra pessoa decidisse explorar o mesmo campo, é provável que a obtenção dos dados ocorresse de maneira diferente, uma vez que as pessoas manifestam interesse e interagem com o mundo de formas distintas (Meyer; Paraíso, 2014).

Para documentar os dados desta pesquisa, desenvolvi fichas etnográficas, integrando transcrições das falas do vídeo, interações e comentários no *Notion* - um caderno digital adaptável. A investigação etnográfica concentrou-se em um único artefato: um vídeo com 20 minutos e meio de duração. Registrei detalhes como título, link e transcrição das falas utilizando o *HappyScribe*, uma ferramenta que, ao acessar o vídeo via link do YouTube, transcreve automaticamente as falas, identificando distintamente os diferentes falantes e momentos. Além disso, nos registros, incluí informações como a data de publicação, o número de visualizações e o total de comentários — dos quais selecionei 20 comentários relevantes, interrompendo a seleção quando as informações começaram a se repetir. No mesmo caderno, durante a transcrição, acrescento anotações e grifos referentes aos elementos que indicam o currículo, incorporando observações adquiridas durante a investigação.

Antes de mergulharmos nas seções de análise, é crucial esclarecer uma decisão ética adotada: não houve interação direta com os participantes dos vídeos analisados, tampouco foi feita menção aos seus nomes nas análises. O enfoque primordial recai sobre o conteúdo do currículo e a metodologia de ensino, não sobre os indivíduos responsáveis por sua produção ou disseminação. Essencialmente, o objetivo é analisar o material em si, não seus criadores ou quem comenta. Nesse sentido, não foi emitido aviso prévio aos produtores do *videocast* ou aos envolvidos na interação com o conteúdo, dado que esses materiais estão disponíveis no domínio público da internet.

### **“Eu Não Posso Passar Para Ela”.**

Nesta pesquisa, estou analisando um trecho de uma transmissão ao vivo em formato de *videocast* no YouTube. Originalmente, essa transmissão tinha mais de 2 horas de duração, o corte foi produzido e publicado pelos próprios produtores e participantes do canal. Para quem não está familiarizado, um *videocast* é um tipo de conteúdo em vídeo, similar a um *podcast*, mas com elementos visuais. Normalmente, inclui discussões, entrevistas, tutoriais ou apresentações. Esses vídeos são compartilhados em plataformas *online*, como YouTube, Vimeo ou Twitch, permitindo que os espectadores assistam e interajam em tempo real ou posteriormente, oferecendo uma experiência semelhante à de um programa de TV, mas disponível na internet. O recorte e a publicação desses conteúdos frequentemente buscam destacar momentos relevantes da transmissão, visando despertar o interesse do público, muitas vezes direcionando para o conteúdo completo.

No *videocast* analisado, três homens praticantes de fisiculturismo estão sentados em uma configuração que se assemelha a uma mesa redonda, diante de microfones participando de uma transmissão ao vivo no YouTube. Os outros dois homens são brancos, sendo um deles um médico e o outro empresário farmoquímico. A conversa centra-se na recuperação do fisiculturista negro, que, mesmo após receber duas doses da vacina, contraiu a Covid-19 e desenvolveu uma série de complicações durante o processo de recuperação de uma cirurgia no cotovelo, uma lesão resultante do treinamento intensivo na academia. Ao discutir o agravamento de sua condição clínica, ele ressalta que a redução das plaquetas, causada pelo uso de "antibióticos poderosos", foi um fator que o tornou mais suscetível à infecção causada pelo vírus: "[...] no meu caso, nos meus valores de hemograma, ele derrubou demais as minhas plaquetas e isso foi a porta de entrada para o Covid" (fala do fisiculturista).

Na narrativa, descreve-se a qualidade do atendimento hospitalar que prontamente ofereceu cuidados e orientação para realizar o teste de detecção do vírus no momento apropriado: “Eles explicaram que não seria vantajoso realizar o teste para Covid, pois é necessário um período de três dias para ter certeza sobre meu estado”. Essa história destaca uma singularidade, quase como uma exceção, diante das frequentes barreiras enfrentadas por homens negros ao acessarem os cuidados médicos de emergência. Esses grupos muitas vezes lidam com desinformação, atrasos na busca por atendimento médico e, quando atendidos, frequentemente enfrentam tratamento inadequado nos hospitais, especialmente quando se encontram em situações de vulnerabilidade (Batista, 2005). A possível qualidade no atendimento hospitalar, portanto, pode estar associada às marcas e patrocínios no cenário *fitness*, juntamente com a visibilidade do seu canal no YouTube, evidenciando essa influência no acesso à saúde. Além do conhecimento médico, a evolução desse corpo nas práticas de cuidado no ambiente fisiculturista também pode desempenhar um papel significativo nesse contexto.

A predominância de homens na imagem desse *videocast* aponta para um ambiente homosocial, onde as interações e dinâmicas são dominadas por homens. Esses espaços de "homossociabilidades", conforme indicado por Michael Kimmel (2017), representam locais fundamentais para a construção e reafirmação das identidades masculinas. Neles, os valores, comportamentos e normas ligados à masculinidade são validados e amplamente internalizados. São ambientes onde os homens não só constroem, mas também negociam e reforçam ativamente suas concepções sobre a masculinidade, moldando-as de acordo com o contexto social em que estão inseridos. Esses espaços funcionam como arenas cruciais, é comum a exclusão ou restrição da participação de mulheres e outras identidades de gênero. Isso reforça e perpetua padrões associados ao conceito de masculinidade, delineando um modelo socialmente aceito do que é ser "masculino", frequentemente equiparado à noção de ser homem (Idem, p.102).

Na análise das dinâmicas de poder entre diversas expressões de masculinidades, alguns autores utilizam o termo "hegemônica" para qualificar as manifestações mais próximas do modelo "ideal" de masculinidade em um dado contexto. Por outro lado, as formas de masculinidade que se distanciam desse padrão são identificadas como "subalternas", conforme proposto por Connell (2013), indicando uma posição menos favorecida em relação à masculinidade hegemônica. Mais tarde, Kimmel (2017) as chama de "alternativas", reconhecendo a diversidade de expressões masculinas que se afastam do ideal hegemônico,

ampliando assim a compreensão das complexas interações sociais que moldam as identidades de gênero. Na dinâmica da socialização cis-heteronormativa, Medrado (2021) discute no contexto da pandemia da Covid-19 que os padrões de "comando, ordenamento e honra" conferem aos homens uma sensação de "invulnerabilidade", sobretudo durante a pandemia de Covid-19, essa mentalidade se traduz em negligências em relação a medidas cruciais de prevenção, como isolamento social, uso de máscaras e higienização das mãos, resultando em uma taxa de mortalidade mais elevada entre os homens em comparação com as mulheres (Medrado, 2021).

Apesar do reconhecimento da existência de estruturas sociais, a abordagem que aposto busca examinar as construções das masculinidades de maneira menos fixa ou rígida. Isso não significa que ignoro fatores abrangentes, como por exemplo, as desigualdades econômicas e as relações raciais; ao contrário, reconheço a importância, mas não os vejo como as mais determinantes nos jogos de poder. Desta forma, as masculinidades e feminilidades, enquanto categorias de diferenciação simbólica, são consideradas "metáforas de poder", acessíveis tanto a homens quanto a mulheres. Contudo, essas representações geram efeitos distintos, dependendo dos marcadores que se interseccionam e desempenham papéis significativos nas interações sociais (Almeida, 1996). Nessa dinâmica, destaco a diferença e não a diversidade, pois esta última tende a fixar e reunir os sujeitos em posições identitárias. Ao mesmo tempo, quando menciono diferenças, não me refiro à distinção entre dois sujeitos, mas sim à singularidade própria de cada pessoa. O objetivo ao examinar as diferenças é ampliar o escopo de análise e as significações, propondo estudar e inventar "outros significados e/ou outras imagens de pensamento para a educação" (Paraíso, 2014, p. 31).

No caso analisado, o fisiculturista negro explicou que tomou a decisão de se mudar para outro apartamento após sair do hospital. Sua principal preocupação era proteger a esposa, evitando qualquer possível contaminação pela Covid-19. Assim, ao retornar para casa, opta por se isolar no apartamento ainda alugado em seu nome, seguindo as recomendações de isolamento social. A decisão não parece demonstrar certo compromisso com o cuidado pessoal, mas reforça a importância da proteção familiar, mesmo que isso coloque a própria vida em desassistência. Essa atitude é ensinada no currículo, contribuindo para moldar uma representação que se alinha à noção ideal de masculinidade na pandemia para esses homens. Assim, ele compartilha no artefato analisado: "Então voltei para casa, fui dormir a tarde inteira, à noite eu consegui comer muito pouco, mas como eu estava muito mal, pensei - Cara, estou aqui na minha casa. [Nome da companheira] está aqui, eu não posso passar nada para

ela. Ainda tenho outra casa alugada. Vou lá para o apartamento ficar sozinho”. No apartamento, ele descreve o consumo de 2 gramas de dipirona, destacando, em seu relato, a intensidade com que o fez: "Fui para o apartamento para ficar sozinho, tomei minhas doses de dipirona com **força**, né?" (grifo do autor).

No fragmento curricular, de forma também pedagógica a escolha da palavra "força" parece não ser desprezível. No campo do discurso, como apontado por Butler (2019), essa repetição de certos termos e comportamentos sociais contribui para a consolidação e validação de determinadas noções de gênero, influenciando a configuração de expectativas e a condução de ações. Para a autora, a diferença sexual é um fenômeno complexo, que não é simplesmente determinado por diferenças biológicas, mas sim marcado e constituído simultaneamente através de práticas discursivas. Nesse contexto, a linguagem desempenha um papel performativo fundamental, pois é por meio dela que o próprio discurso dá origem aos efeitos que ele nomeia. Esse processo contínuo de reinscrição do sistema sexo-gênero demonstra que os corpos nunca se conformam completamente e, em determinados momentos, podem escapar dessas imposições. É nesta repetição cotidiana da performance que acabamos conferindo-lhe o caráter supostamente "natural" ou inerente à "natureza humana" (Idem, p.111).

No entanto, é importante considerar que as diferenças sexuais não são meras construções discursivas; pelo contrário, sua materialização é impositiva, com certas significações atribuídas a elas pelo olhar, pelos sentidos e pelas formas de saber/poder que as instituem enquanto regime de verdade. Assim, não existe um sujeito ou um "nós" coletivo operando fora do discurso em qualquer sentido espaço-temporal (Idem, p. 116). A inevitabilidade reside na afirmação de que todos somos produzidos pelo gênero e, por meio dele, nos tornamos inteligíveis na cultura em que estamos inseridos. Nesse sentido, atuamos como agentes ativos na sua produção e reprodução, participando ativamente da construção contínua desse sistema que molda nossas identidades e interações sociais. Assim, a referência discursiva à "força", veiculada com intuito educativo, fortalece e produz, concomitantemente, certa concepção de masculinidade na resposta à pandemia, evidenciando como as normas de gênero são mantidas e como influenciam a performance de gênero em contextos de saúde. Portanto, esta ênfase na expressão "força" sugere uma orientação para consumir o medicamento de forma enérgica ou com determinação. Tal instrução pode conotar uma postura mais assertiva ou vigorosa na administração do tratamento, como se a maneira de ingerir o medicamento pudesse influenciar diretamente sua eficácia ou a resposta do

organismo à medicação. Ao mesmo tempo, parece querer revestir o homem de uma certa invulnerabilidade, promovendo uma ideia de enfrentamento e combate, mas não de cuidado.

Como exemplifica, reiterando essa perspectiva curricular de enfrentamento da doença, no outro dia quando acordou, ele descreve que estava com o “lençol lavado de suor” por conta da febre. Sem nenhum acompanhamento e com muita dor no braço operado, a suspeita passou a ser uma inflamação: “Sozinho e com uma dor no braço insuportável, insuportável a dor no braço. Eu falei - Cara, isso aqui me infeccionou de novo, não é possível”. A decisão foi ligar para o médico, a resposta é um alerta sobre a urgência do seu caso: “Não sei o que você tem, cara, mas você precisa fazer um exame urgente o quanto antes” (fala do médico). Com falta de ar, sentindo fraqueza e sozinho, ele coloca a máscara higiênica, dá partida no carro e dirige até o hospital desacompanhado: "Fui para o [nome do hospital] sozinho porque não tinha como levar alguém comigo. Estava numa situação terrível, podendo contaminar outras pessoas". Novamente, o currículo ensinado prioriza uma convergência de valores protetivos, muitas vezes relegando ou até mesmo impedindo qualquer tipo de suporte para quem protege, mesmo quando isso pode envolver a colocação da própria vida em risco. Esta postura é voltada não só para o bem-estar dos entes queridos, mas também para firmar a noção de que os homens devem enfrentar desafios com comportamentos honrosos, guiados por obrigações morais. Essas são características já existentes nas masculinidades, que se redefinem em diferentes contextos, assumindo diversas "faces", ainda que a essência produtiva permaneça a mesma (Voks, 2021).

Em resposta, os amigos que estão no *videocast*, os dois homens brancos, destacam a importância da ação, revelando uma certa contradição entre a prática considerada irresponsável e a coragem para realizá-la em prol de um propósito mais significativo, como é ensinado não apenas na linguagem verbal do médico fisiculturista que fala no *videocast*. "[Nome do fisiculturista] foi perto de desmaiar, dirigindo até o [nome do hospital], (sorri entre os dentes e coloca a mão na cabeça)". O fisiculturista e empresário farmoquímico responde com uma expressão preocupada ou negativa, ao mesmo tempo sugerindo que um grande feito foi realizado: “Meu Deus”. Nessa discrepância entre o discurso de cuidado e as ações práticas, destaca-se que "esse reconhecimento homossocial está permeado de perigo, apresentando risco de fracasso e envolvendo uma competição intensa e constante". Essa situação frequentemente estabelece limites delicados entre o que se espera desses homens e o que realmente é realizado. (Kimmel, 2017, p. 110). As ações foram tão extremas que, ao chegar no hospital e sem forças para andar, descreve a sensação de "o pulmão faltando o ar,

parecendo que eu tinha feito uns 30 agachamentos com 180 quilos cada lado nas costas". Próximo da recepção, a situação se agravou, levando-o a pedir socorro: "Eu senti na pilastra e falei ‘- Me ajuda pelo amor de Deus, eu não consigo mais respirar’, e faltando o ar de um jeito que nunca faltou cara. Era uma sensação de como se eu tivesse tomando um mata leão e o ar não vinha”. O socorro veio de uma médica de plantão que ouviu os batimentos cardíacos e verificou a saturação do paciente.

Aí minha saturação já tinha caído para 90, já estava 90 e o meu batimento já estava em 150 e eu... Andei 100 metros. Então assim um batimento muito, muito, muito acima da média, aí já furaram o meu dedo. Perceberam que estava hipoglicêmico. Foi o tempo do Dr. [nome do médico que atende] descer.

A produção currículo-pedagógica em questão está delineada por essas sequências de eventos, nota-se uma constante exposição do corpo masculino aos limites, indicando uma amplificação dos riscos enfrentados. Além disso, destaca-se a ênfase pedagógica na cumplicidade entre os homens, que reconhecem a coragem de se expor ao perigo em prol da hombridade (Zanello, 2020). No cenário em que o paciente já foi socorrido, e com o convênio médico rejeitado no hospital, um dos amigos médicos foge do padrão de atendimento convencional. Diante da condição especial do amigo, ele o conduz até o carro e juntos dirigem-se a outro hospital mais adequado e que aceita o convênio médico. A fala do fisiculturista médico destaca o comprometimento envolvido: “É o que a gente está disposto a fazer, né? Se vê, aqui que outra pessoa ia pegar um paciente, está com Covid com caso agudo, enfiar no próprio carro pra levar para o hospital”. Nos comentários, as interações contribuem para a construção desse currículo, evidenciando que é nos momentos desafiadores que os laços entre os homens são postos à prova. Isso sublinha a constante necessidade de reafirmar as masculinidades, destacando a importância dessas situações na definição e fortalecimento das identidades de gênero no grupo: “Nessas horas que a gente vê quem é amigo de verdade!!!” (comenta um espectador no vídeo).

Durante a narrativa do incidente, o médico que auxiliou o fisiculturista quando passou mal é exaltado pelo grupo, sendo elogiado por sua coragem ao arriscar-se em prol da amizade, desafiando convenções e se expondo: "Não, uma salva de palmas para você, [nome do médico que atendeu], caramba!" (todos aplaudem entusiasticamente). 'Não, mandou bem residente, mas vai ter que fazer prova do mesmo jeito, seu merda’" (resposta do médico fisiculturista). No desfecho da interação, o riso coletivo reforça o caráter pedagógico presente na expressão "seu merda". Essa dinâmica parece (re) alinhar as posições de poder e as interações sociais

entre os homens antes dos eventos que estão sendo narrados, onde a bravura reconhecida parece ter colocado os sujeitos em lugares distintos nas relações de poder, enfatizando a relevância do reconhecimento e da hierarquia no grupo. Levando a reflexão de que a diferenciação de tratamento, acionado de forma desvalorativa pela palavra “merda”, pode estar associada ao fato de o residente que forneceu o carro estar em formação ou não ser um médico especializado, demandando, assim, uma equidade de reconhecimento por parte do grupo.

Além disso, a utilização da palavra “merda” parece sugerir a valorização de expressões moderadas de carinho e afeto, procurando equilibrar manifestações afetuosas sem comprometer a noção de virilidade. Conforme observado por Almeida (1996), as performances de masculinidades frequentemente estabelecem hierarquias, onde a feminilidade é colocada em oposição à conquista do papel masculino. Em interações entre homens, especialmente em ambientes de cumplicidade, companheirismo e vigilância, há uma tendência de diminuir o outro para valorizar a própria masculinidade, atribuindo características consideradas femininas, vistas como passivas ou diminuídas no contexto homosocial (Idem, p. 12).

### **Tigre, Titã, Guerreiro e Monstro.**

No relato no *videocast*, o fisiculturista negro descreve que antes de ser encaminhado para a sala de cirurgia, durante o trajeto de emergência em uma ambulância para outro hospital, ele, diante da urgência médica, fez uma ligação para o empresário farmoquímico. Na descrição ele compartilha a intensidade da experiência, descrevendo a voz do amigo na ligação como "desesperadora". "E ali eu já estava melhor, muito melhor do que antes", responde o fisiculturista que desenvolveu a doença respiratória. Ao longo da conversa, ao ressaltar o impacto emocional desse episódio, o empresário busca também de maneira pedagógica ampliar a compreensão da audiência. Sua estratégia discursiva não parece mais se limitar à contextualização do incidente; ela busca instruir ativamente, utilizando uma representação linguística que se destaca ao convocar a audiência a "imaginar". Esse imperativo tem como função no texto, estabelecer a direção de sentido atribuídas no discurso — técnicas que são usadas nas produções publicitárias para “fixar a cadeia flutuante dos significados, de modo a combater o terror dos signos incertos” (Sabat, 2001, p. 12). A pretensão é justamente, exercer controle sobre a produção do discurso e sobre quem interage

com o artefato. É o que acontece quando o empresário estimula a reflexão sobre o estado anterior do amigo ao chegar ao hospital, dizendo: "(...) agora você **imagina** como [nome do fisiculturista] estava antes quando ele chegou no hospital" (grifo do autor).

Num momento subsequente da conversa, a dinâmica é interrompida pela produção, que busca a aprovação do empresário para reproduzir um áudio, gravado no WhatsApp pelo fisiculturista depois da chamada. No áudio, a mensagem é direta, expressando gratidão pela ajuda e confirmando que está a caminho da cirurgia: "Ele já estava bem para a galera entender que foi muito pior". Ao envolver a audiência, este conjunto de representações intencionalmente produzidas, desde o momento da gravação do áudio, busca na produção do currículo elaborar uma representação simbólica coesa. O objetivo é construir um sistema de representação que ensine sobre uma performance de gênero e um corpo marcados por valores já estabelecidos no fisiculturismo, destacando a determinação e a capacidade de vencer desafios extremos para alcançar o reconhecimento social. Nesse contexto, o sofrimento é encarado como parte inevitável do processo de forjar o corpo idealizado e da performance de gênero que o caracteriza. Essa performance será testada e evidenciada nas decisões tomadas durante o enfrentamento da doença, envolvendo a interação entre os homens, validado no currículo ensinado, que produz e é produto das interações entre os homens no momento detalhado.

Nessa mesma direção, a performance do médico que atende no hospital, habitualmente retratado como calmo e estável, também é confrontada pela complexidade e desespero emocional decorrentes da condição do fisiculturista, reforçando o que se espera dos homens nesse contexto. Entregue ao desespero, ele rompe com algumas expectativas de equanimidade, tornando-se um ponto de partida para a transmissão de valores associados a um corpo masculino controlado e equilibrado. Conforme destacado pelo fisiculturista durante a conversa: "Eu nunca vi nesse tempo todo o [nome do médico que atende o paciente] preocupado, sempre equilibrado, equilibrado. Esse dia ele estava preocupado". Nesse momento da narrativa curricular, o fisiculturista utiliza sua experiência pessoal para intensificar a situação, destacando o aspecto educativo e produtivo da televisão na experiência de quase morte experimentada: "A sensação de morte que o negócio traz, junto ao pânico de assistir televisão, de ver nos noticiários, você começa a achar que realmente você vai entrar dentro de uma estatística. Você acha que vai virar estatística, essa é a situação." Apontado no relato, que apesar dos "efeitos cognitivos" tão centrais e característicos do currículo que

podem ser esquecidos. “Suas marcas corporais, com certeza nos acompanharão até a morte” (Silva, 2013, p. 197).

Ao questionarem o fisiculturista que enfrentou a Covid-19 se aquele instante foi o mais desesperador, pensando que poderia morrer, sua resposta foi negativa. O ápice do desespero aconteceu após a cirurgia, quando acordou e enfrentava dificuldades respiratórias, uma sensação que evocava a iminência da morte: “Eu não conseguia respirar deitado, e quando me sentei e tentei puxar o ar, percebi que não vinha, e minha saturação estava em 88. Vi os números diminuindo - 87, 86, 85, 84, 83”. Em um apelo desesperado, ele agarra o braço do médico e diz: “Não, deixe-me morrer, pelo amor de Deus. Eu vou morrer. Estou morrendo. Me ajude, por favor, me ajude, me ajude”. Nesse momento de perplexidade, ele destaca os questionamentos sobre por que aquilo estava acontecendo com ele, apesar das práticas de cuidado e investimentos farmacológicos recomendados para a proteção contra o vírus da Covid-19.

Eu tenho duas doses de vacina. Eu treino, eu faço dieta. Não é possível que isso esteja acontecendo comigo. Não pode ser, não pode ser. Não caía, não conectava, não fazia sentido'. Então eu estava numa situação de choque total e eu só lembrava cada dia que eu via o Jornal Nacional. 'Não sei quantas 1000 pessoas morreram de Covid (repete imitando uma voz). Mas eu estava com a vacina. E por que aquilo acontecia comigo.

Ao longo do conteúdo curricular, a palavra "morte" é enfatizada, ecoando três vezes na capa do vídeo, em conjunto com a imagem abatida do fisiculturista. Considerando que os artefatos culturais nunca são neutros, sendo sempre direcionados a grupos específicos para produzir determinadas características, essa convergência visual e verbal é intencional, revelando uma clara intencionalidade na comunicação com o público-alvo (Ellsworth, 2001). O objetivo parece ser o de causar impacto, chamar atenção e, de certa forma, influenciar a percepção do espectador em relação à experiência enfrentada. Ao examinar os comentários, observa-se uma expressiva identificação por parte daqueles que acessam o artefato, sendo a maioria homens praticantes de musculação que enfrentaram a Covid-19, a quem imagino que esse artefato queira alcançar. Eles participam ativamente na construção do que está sendo ensinado e também ensinam, ressaltando que as estratégias curriculares visam "conduzir e conectar corpos e vidas" (Maknamara, 2020, p. 62). Essa abordagem é confirmada pelos comentários, como exemplificado por um usuário que expressa: "O pânico, o desespero com a máscara do VNI... Me vi no relato do [nome do fisiculturista]". Outro homem que compõe a audiência reforça esse aprendizado ao afirmar: "Essa parte 'eu vou morrer' me emocionou tanto, até chorei".

Após estabilizar o paciente e conduzi-lo à sala de cirurgia, os profissionais de saúde administram diazepam para controlar um problema preexistente no fisiculturista, que costumava lidar com a ansiedade usando CBD (Cannabidiol). Esse momento é intensificado pela falta de ar, gerando questionamentos que reafirmam e transmitem pressupostos sociais sobre a performance esperada dos homens. Marcados pela responsabilidade de proteger e preservar a honra, tanto materialmente quanto na manutenção de uma imagem tradicional do papel masculino, esses pressupostos adicionam uma pressão social intensa ao desafio enfrentado. Em suas próprias palavras, o fisiculturista compartilha os dilemas e responsabilidades que permeiam sua mente nesse momento crítico, delineando o que se espera dele enquanto “homem” nesse contexto cultural: "E aí eu comecei a pensar em tudo o que eu estava passando e o que era válido, o que não era, e que eu tinha que cuidar da minha mãe, que eu tinha que cuidar da minha família, da minha mulher, e que eu não sabia se eu ia voltar. Eu tinha que trabalhar, eu tinha que ver vocês".

Apesar do discurso evidenciar claramente a gravidade da doença, nota-se uma resistência em relação à recomendação de esperar em casa. Essa sugestão foi feita durante o primeiro atendimento ao tentar realizar o teste da Covid, o qual não foi possível devido ao tempo de espera para obter os resultados. No âmbito do currículo, percebe-se novamente à amplificação do risco enfrentado, construindo discursivamente um cenário que reforça a posição dos sujeitos como detentores do controle: "Eu tenho certeza que se eu tivesse esperado as 72 horas de janela encarando os colaterais em casa eu não estaria aqui. Graças a Deus **eu tenho condição**" (grifo do autor). O destaque está na relação com o convênio médico, pago pelo patrocínio de uma empresa do mercado *fitness* especializada na produção de diversos produtos farmacêuticos para a prática esportiva. Segundo ele, sem esse suporte, não teria recebido o atendimento que teve, indicando a necessidade de prover e conquistar recursos, pois, mesmo com a eficiência do SUS (Sistema Único de Saúde), não houve garantia de qualidade no atendimento.

Na narrativa curricular, destaca-se também o ensinamento de que a influência do círculo social, especialmente o fato de ter amigos médicos, é um elemento significativo para superar os desafios descritos nos eventos. O empresário farmacêutico, que lidera a conversa, ressalta esse ponto ao mencionar a amizade do fisiculturista com um médico, enfatizando como essa conexão foi determinante: "Mas você tinha uma coisa, [nome do fisiculturista], que ninguém tem. Você tem um amigo médico, sim. E eu fico imaginando as pessoas que dependem do SUS". O próprio fisiculturista, ao reiterar a gravidade de sua situação: "E foi por

um triz, e foi por um triz [...]". Nos comentários, apesar da aparente crítica inicial à eficiência do SUS no currículo, verifica-se uma pedagogia positiva compartilhada pelos usuários. Esses testemunhos, apresentados de maneira confessional, adicionam nuances à narrativa, desviando-se dos efeitos pretendidos inicialmente no artefato analisado. Exemplos como "Tive 80% do pulmão comprometido em junho de 2020, perdi 19 kg, fui atendido pelo SUS e tive todo o amparo" e "Pois é, meu camarada, o SUS tem seus problemas, mas salvou a vida de muita gente", contradizem a impressão inicial de ineficiência do SUS.

A ampliação desse currículo, direcionada a alcançar efeitos distintos dos propostos inicialmente, busca também formar indivíduos capazes de compreender a importância da vacinação. Apesar de o vídeo inicial sugerir que as vacinas não constituem o método mais abrangente de proteção, apresentando-as como uma solução provisória suscetível a falhas, não exclui sua eficácia protetora. O entrevistado ressalta: "Apesar de ter as duas vacinas, que são apenas uma atenuante, ainda não temos a vacina pronta (...). Então, é o que temos para hoje. (...) Ninguém aqui é anti-vacina. ‘Até porque você tomou as duas doses’ (reforça o amigo empresário farmacêutico)." Nos comentários, a disputa por significados sublinha a importância das vacinas, realçando sua efetividade e valor, especialmente para um grupo que, por meio de práticas relacionadas ao fisiculturismo, como alimentação e musculação, se percebe protegido: : “Pra quem acha que é uma simples gripezinha, tá aí o testemunho de um atleta de verdade. Bom retorno, [nome do fisiculturista]." Contrastando com a perspectiva do currículo do vídeo, outro comentário reforça a contribuição das vacinas para a manutenção da vida no período pandêmico: "É, [nome do fisiculturista], imagina sem as vacinas. Hoje não teríamos sua entrevista. Fico feliz em saber que você está se recuperando bem". A conclusão é um chamado à ação coletiva nos comentários: "Vamos nos cuidar, guerreiros. Máscara e evitar aglomeração. Força e bênçãos para o [nome do fisiculturista]".

Ainda nos comentários, também de forma didática, são compartilhados diversos conhecimentos que se conectam com o que foi ensinado até agora. Especificamente, são abordadas uma série de práticas para superar as consequências deixadas pela doença, conforme mencionado por alguém no currículo analisado: "Com sua **determinação incansável**, irá superar cada fase da reabilitação até retornar plenamente aos treinos" (grifo do autor). No decorrer da elaboração desse currículo, outra pessoa adiciona: "Vai passar por mais essa prova, [nome do fisiculturista]. És um **vencedor** e continuará vencendo suas batalhas" (grifo do autor). No primeiro comentário, destaca-se a presença inerente de uma determinação corporal no fisiculturista, possivelmente relacionada à prática física com o intuito de

promover uma masculinidade resiliente capaz de mitigar os efeitos deixados pelo vírus. Em consonância, no comentário anterior, enfatiza-se a superação de desafios, reforçando simultaneamente a narrativa de vitória inerente à identidade. Ambos os aspectos convergem para ressaltar a força física, a resiliência e a mentalidade vitoriosa, enfatizando a força física, a resiliência e a mentalidade vitoriosa. Essas características esperadas no cenário competitivo expressam códigos de virilidade que não apenas moldam uma educação moral, mas também constituem uma educação emocional ao discutir o poder da superação, do controle necessário e da determinação incorporada no corpo e nas práticas (Almeida, 1996, p. 14).

Outras escolhas linguísticas presentes neste currículo de superação incluem a introdução da palavra "titã" que busca evocar uma imagem de resistência, força extraordinária e superação de desafios. Essa escolha linguística não apenas reforça a tenacidade esperada dos homens que personificam essa masculinidade, mas também se conecta à ideia de "vencedor", reiterando essa associação ao sucesso nos palcos das competições de fisiculturismo, é o que escreve alguém no currículo que está sendo produzido: "Isso aconteceu com um atleta de alta performance! Que sabe como se alimentar muito bem, que treina muito bem, ou seja, o cara é um TITÃ! E ainda sim passou por tudo isso! Cuidem - se pessoas, cuidem-se (...)". Da mesma forma, são utilizados outros recursos discursivos para intensificar os efeitos esperados em quem interage com esse artefato, como as expressões "tigre" e "monstro", que acrescentam uma camada de complexidade aos significados. A expressão "tigre" surge no relato do amigo fisiculturista médico durante um *videocast*, frase que já foi mencionada em outra análise, descrevendo a coragem e ousadia do fisiculturista contaminado pela Covid-19.

Nesse momento, o narrador destaca a insensatez do indivíduo, que, mesmo debilitado e com dificuldades respiratórias, conduziu-se até o hospital. Reforçando essa bravura, utiliza a palavra "tigre" de maneira enfática, como exemplificado quando ele diz: "Cara, o [nome do fisiculturista] é um tigre (ênfase na palavra 'tigre'). Ele veio dirigindo até aqui (ênfase na frase), e depois ele deixou para cair na frente do hospital. [...]". Outras reiterações são evocadas pelo uso frequente da palavra "monstro" na elaboração deste currículo nos comentários. Uma das pessoas que escreve destaca a habilidade do fisiculturista em se recuperar: "Você é um exemplo em tudo que faz, [nome do fisiculturista], uma grande vitória que você se recuperou. Espero um dia te conhecer, monstro (emoji de soco e mãos levantadas).

Os termos adotados desempenham um papel preponderante na construção e consolidação da imagem idealizada no âmbito do fisiculturismo masculino, (re) escrevendo o

corpo "hipertrofiado", "musculoso" e "definido" — uma representação exacerbada da masculinidade, enquanto potencializador para o enfrentamento da doença (Santos, 2017). A reiteração destes significados opera como um mecanismo linguístico-educativo, sedimentando não apenas a corpulência, mas também a figura do homem como um campeão, líder e modelo a ser seguido na batalha contra a crise atual. Esta representação de masculinidade é correlacionada com a autoridade, a tenacidade e a habilidade de encarar, superar e instruir sobre os desafios impostos pela pandemia, configurando um ideal de desempenho em contraste com outras formas de expressão masculina. Assim, nas evidências de exaustão e debilidade manifestadas pelo fisiculturista negro durante o videocast, corroborando as observações de Kimmel (1994), a encarnação dessa masculinidade próxima ao ideal é submetida a um "teste implacável", onde se busca demonstrar não só para outros homens e mulheres, mas também para si mesmo, a mestria na performance de gênero considerada bem sucedida (Idem, p. 121).

É relevante notar que, no fragmento curricular em análise, os amigos fisiculturistas brancos não são mencionados. A designação "touro", por exemplo, é atribuída também, assim como os outros termos, somente ao fisiculturista negro afetado pela doença: "Você é um touro, [nome do fisiculturista], uma maravilhosa recuperação para você" (comentário do vídeo analisado). Na interligação dos discursos que delineiam o programa de enfrentamento e recuperação da doença, por meio de uma abordagem reativa, extraímos lições desses termos que metaforicamente conferem qualidades animais de tenacidade e vigor, exemplificados por expressões como "tigre" "touro" ou "monstro". A significância desses termos varia quando associados à raça e ao gênero do fisiculturista, considerando que os homens negros foram historicamente associados a estereótipos de hiper sexualidade, brutalidade e força desmedida, sendo retratados como corpos destinados ao trabalho árduo e, paradoxalmente, como dispensáveis de cuidado devido a supostas peculiaridades genéticas e sanguíneas (Malungo, 2014). Para essa reflexão, caminho na direção de que, mesmo em silêncio, nossos corpos, por meio das marcas, características e histórias que os atravessam, falam mesmo quando o sujeito não verbaliza (Duque, 2022).

Neste exame, destaco a reconstrução das simbologias atribuídas ao corpo negro no contexto da luta contra a Covid-19. Os termos "tigre", "touro" ou "monstro", especialmente direcionados ao fisiculturista negro afetado pela doença, não apenas desafiam, mas parecem (re) escrever uma narrativa histórica de vigor e resistência associada aos corpos negros (Malungo, 2017). Estas expressões, empregadas neste contexto, reconfiguram estereótipos

preexistentes, transformando-os em elementos catalisadores de superação, amplificando a percepção do corpo negro como capaz de enfrentar, suportar e triunfar sobre adversidades de maneira excepcional, vinculando à ideia de força e resiliência. Esta reinterpretação simbólica não apenas reforça a imagem do corpo negro como capaz de enfrentar desafios significativos, mas também reconfigura a narrativa pregressa de fragilidade, ressaltando uma noção de resistência inata a esses corpos, evidenciando uma extraordinária capacidade de superar adversidades. Este redirecionamento simbólico, quando contextualizado com questões de gênero, parece elevar o homem negro a um patamar discursivo acima dos corpos brancos e masculinos, reafirmando que "a construção da identidade também é influenciada pela maneira como os outros percebem esse sujeito" (Nascimento, 2018, p. 04).

### **Ressignificações à Devir: Provoações Finais**

Em outros vídeos do canal, fora do *videocast* analisado, é possível observar o fisiculturista visitando o Centro de Treinamento (CT) alguns dias após a gravação. Nesse momento, ele caminha pela academia usando uma camiseta larga, visivelmente emocionado, com lágrimas nos olhos, e com uma tpoia no braço operado. Esse momento transmite uma sensação de nostalgia enquanto ele admira os equipamentos de musculação. A escolha da música "*Hurt*" de Johnny Cash para embalar o vídeo intensifica a atmosfera. A voz áspera e rouca do cantor, aliada à letra, agora transcrita para o nosso idioma, reflete os sentimentos das sequelas respiratórias, perda de peso e músculos deixados pela Covid-19: "[...] Eu me feri hoje/ Para ver se ainda sinto/ Eu me concentro na dor/ A única coisa que é real/ A agulha abre um buraco/ A velha picada familiar/ Tento eliminar tudo isso/ Mas eu me lembro de tudo/ [...]".

Meses depois, em outro vídeo, já recuperado, ele sobe no palco da competição de fisiculturismo masculino. Apesar de não conquistar o campeonato, o vídeo destaca a superação das sequelas e a rápida retomada à cena. O corpo, exibido com orgulho no palco, parece não apenas querer representar e ensinar sobre os investimentos feitos para conquistar uma estética ovacionada, algo típico no fisiculturismo. Ao que parece, sua potência e reconhecimento não se limitam mais apenas aos fármacos, dietas e musculação; agora ele é, a partir de tudo que enfrentou e conquistou, um testemunho das práticas contra a COVID-19, marcado pelo vírus e pela masculinidade necessária para superá-lo.

Os dois vídeos citados nesta seção, ajudam a pensar o currículo cultural que foi analisado. Este, ao ser construído nas relações estabelecidas no *videocast* e nos comentários, visa instruir homens e mulheres sobre um ideal de masculinidade no contexto relativo a Covid-19. Nele, as práticas de autocuidado não são direcionadas exclusivamente ao indivíduo que as executa; ao contrário, são orientadas para quem se almeja proteger. Esse enfoque revela-se como um produto de uma ideia intrínseca de controle e provisão, moldando e circunscrevendo as performances de gênero esperadas. Ao mesmo tempo, as práticas ensinadas inserem os homens em situações de risco, uma vez que promovem a ideia de desafiar e superar limites, mesmo que isso acarrete colocar em perigo a própria vida. A amizade entre os homens desempenha um papel crucial nesse contexto, pois é por meio dela que são transmitidos limites para expressões afetivas e as expectativas em relação a essas relações, especialmente em momentos de adversidade. Essas práticas abraçam um apoio incondicional, acompanhado pela noção intrínseca de honra e uma força/coragem viril que se revela vital nessa configuração.

No contexto da vacinação, percebe-se mais uma vez o efeito combativo do currículo ensinado. Apesar das ideias de insuficiência incitadas pelos criadores do vídeo, a adesão ou discussão sobre a vacinação e a qualidade do Sistema Único de Saúde (SUS) tende a tensionar o currículo, promovendo efeitos de valorização. Nessa dinâmica, são reiterados valores de provisão, enfrentamento e controle, reconfigurando a concepção de cuidado e atribuindo ao corpo masculino uma significação complexa e, por vezes, ambígua diante dos efeitos negativos provocados pelo vírus da Covid-19. Nesse contexto curricular, os corpos e identidades são potencializados em resiliência e capacidade de superação, incorporando significados de animalidade e militarismo nas ações combativas. Essas atribuições são fortemente influenciadas não apenas pelo contexto histórico-racial brasileiro, mas também pelas nuances da prática fisiculturista masculina. A interação desses elementos com os corpos em cena comunica mensagens muitas vezes não explicitamente articuladas, delineando uma narrativa que produz o corpo negro como dotado de uma capacidade inerente para enfrentar grandes dificuldades.

Conforme destacado, mesmo diante das imprevisibilidades geradas pela pandemia, este currículo cultural não-escolar sobre masculinidades se inscreve por meio de elementos previamente desdobrados ao longo da história, os quais, embora possam parecer distintos, produzem efeitos singulares. O que se destaca é a nova dimensão conferida ao corpo do fisiculturista que encarou o vírus. Moldado por ação e discurso, o corpo transcende as

influências tradicionais de fármacos, dieta e musculação, inicialmente voltadas para a estética competitiva no fisiculturismo. Agora, ele incorpora a experiência de combate, vacinação e interpretações associadas, abordando temas como enfrentamento, honra, cumplicidade e a força essencial para superar desafios. Esses conhecimentos não são apenas transmitidos no vídeo, mas também emergem nos comentários, participando na construção do currículo, muitas vezes atribuindo significados distintos dos inicialmente delineados no *videocast*.

## Referência

ALMEIDA, M. V. Género, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal, **Anuário Antropológico/95**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p: 161-190, 1996.

BATISTA, L. Masculinidade, raça/cor e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, p. 71–80, jan. 2005.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

BRITO, L. T. “ENFRENTAR O VÍRUS COMO HOMEM E NÃO COMO MOLEQUE”:  
QUANDO A MASCULINIDADE TÓXICA SE TORNA GENOCIDA. **Revista Docência e  
Cibercultura, [S. l.]**, v. 6, n. 2, p. 150–162, 2022.

BUTLER, J. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, jan. 2013.

ELLSWORTH, E. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos –nos rastros do sujeito** (org e trad), Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Cultura da “corpolatria” e body-building: notas para reflexão. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, [S. l.]**, v. 3, n. 3, 2009.

LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G.. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 1, n. 42, 11 maio de 2018.

MAKNAMARA, M. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**, v. 27, n. 1, p. 58-73, 2020.

MALUNGO DE SOUZA, R. Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 34, 31 jan. 2014.

MEDRADO, B. et al. Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 179–183, jan. 2021.

MEYER, D. E; PARAÍSO, M. Metodologias de Pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 17-24.

MONACO, H. “Se músculo é coisa de homem, por que você não tem?” Etnografia do fisiculturismo feminino em Santa Catarina. **Mosaico Social - Revista do Curso de Ciências Sociais da UFSC. Ano XIV, n.08**, Santa Catarina: 2016.

MOURA, N. A. Esteróides anabólicos androgênicos e esportes: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 6, n. 1, p. 101-109, 1984.

NOVELLI, M. Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet? **Revista Organizações em Contexto**, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 107-133, 2010.

PRECIADO, P. **Testo Junkie**. 2008. The feminist press.

SABINO, C. **Anabolizantes: drogas de Apolo**. In: GOLDENBERG, M. (Org.). Nu e vestido. Rio de Janeiro: Record, p. 139-188, 2002.

SABINO, C. O peso da forma:cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas. 2004. **Tese (Doutorado em So-ciologia e Antropologia)** – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, T. T. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 185-201.

TAKAKURA, S. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [S. l.]**, v. 3, n. 4, p. 97–124, 2017.

DUQUE, T. Lugar de corpo e diferenças no Pantanal. In: DROZDOWSKA-BROERING, Izabela; MARKENDORF, Marcio; OLIVEIRA Geovana Quinalha de. (Org.). **Memórias do corpo: apagamentos**. 1ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022, v. 1, p. 219-239.

VOKS, D. J. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. Sexualidad, **Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), n. 37, p. e21204, 2021.

PADILHA, F; FACIOLI, L. Pesquisa de campo com mídias digitais: desafios para a imaginação sociológica em tempos de pandemia. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 11, n. Edição especial, p. 107-122, dezembro, 2022.

SANTOS, C. S B. Tá “monstrão!” A construção da masculinidade em uma academia de musculação. **V SIES: Conhecimentos Transversais, Currículos Identitários e Pluralidades de Gênero**, 2017.

NASCIMENTO, E. C. S. Do malandro ao bom de Cama: Uma análise do discurso sobre masculinidades negras na Pedagogia Cultural da Telenovela. **XX Redor: Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero**, 2018.